

HORÁCIO, O CRÍTICO ARAUTO DO IMPÉRIO

Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)
nandopit@uol.com.br

RESUMO

Sendo concomitante ao momento histórico da ascensão e consolidação do poder imperial, na pessoa de Augusto, a produção do poeta Horácio transitará da sátira e crítica de costumes à exaltação dos valores da política de "regeneração cultural" promovida pelo imperador. Contudo, uma análise mais refletida evidenciará que Horácio não apenas refletirá esse processo, mas que, em paralelo a ele, assumirá posições filosóficas que nos permitem ver, embutida em sua condição de porta-voz do novo regime, o papel de um filósofo que ensina a viver *apesar* do império que se construía.

Palavras-chave: Literatura latina. Epicurismo. Horácio.

Os historiadores da literatura latina costumam apresentar uma periodização baseada antes nas fases da história romana que na produção literária propriamente dita. Se esta prática – que está consagrada já há séculos e não é exclusividade da literatura latina – obedece a razões de ordem didática; seu exame mais aproximado permitirá a constatação de consequências que, dificultam uma análise mais profunda dos textos em si; do pensamento de seus autores, e até mesmo da relação entre literatura e história.

Uma destas dificuldades é porque tal procedimento acaba por criar limites dos quais, invariavelmente, determinados autores e/ou obras escapam, seja porque sua produção se dá ao longo de mais de um período, como é o caso de Varrão, cuja longevidade se tornou notória já em seu tempo; ou porque sua obra é produzida exatamente durante o momento de transição entre um período e outro. Esta é a situação da chamada "Era de Augusto": pensada em seus limites históricos, estende-se da morte de César (44 a. C.) à do próprio Augusto (14 d. C.), fazendo com

que a obra de Cícero e Ovídio fiquem seccionadas por estas respectivas datas. Outra divisão, feita a partir das datas de morte dos dois autores acima mencionados (43 a. C. e 17 d. C., respectivamente) tem o mérito de, adotando parâmetros mais estritamente literários, fazer com que o *corpus* de suas produções literárias corresponda a um único período histórico.

No entanto, qualquer que seja a divisão adotada, é certo que o tempo de Augusto corresponde ao momento de apogeu da poesia latina. Mas este não é um momento isolado, tampouco é resultado do governo de Augusto. Embora seja durante o estabelecimento do império como fórmula política que esse apogeu se dá, ele se mostra sobretudo como o instante final de um processo de maturação iniciado pelos contemporâneos de Catulo, cerca de 100 anos antes. É o somatório de vários elementos: a estruturação da língua poética pelos *poetae novi*; o enriquecimento do vocabulário, pelo aporte de helenismos, ou pela criação de neologismos que deram maior elasticidade ao idioma; e, enfim, pela importação da estilística grega e alexandrina. Entretanto, outra das dificuldades causadas pela periodização comumente adotada advém do fato de que, ao submeter-se, *a posteriori*, toda a produção literária de uma época a uma dada condição histórica - no caso, o governo de Augusto - esta acaba por ser considerada, em relação à produção literária latina, como um determinante com peso muito maior do que aquele que de fato possa ter tido durante sua vigência. Acabando por adquirir uma (oni)presença que muitas vezes leva o estudante - e mesmo algum pesquisador mais experiente - a pensar toda a produção de um período como *determinada* por aquela condição histórica, desconsiderando as demais condicionantes que possam porventura manifestar-se, e a ver toda a produção como um quadro monocromático, em que as nuances desaparecem.

Assim, a literatura latina produzida na "Era de Augusto" apresenta uma altíssima qualidade, mas esta, como dito, não é resultado daquele momento histórico. Pelo contrário, o novo regime é que buscou capitalizar esse momento excepcional da literatura para divulgar o conjunto de valores que, ora impunha, ora restaurava. Nessa busca, é patente que Augusto tratou de atrair a sua órbita os poetas que, conforme julgara, melhor poderiam contribuir com esse processo: num primeiro momento, Virgílio e Horácio; e posteriormente, Ovídio, Tibulo e Propércio.

A trajetória desses cinco poetas pode, *grosso modo*, resumir-se a dois pontos: o primeiro ponto é que cada um deles é, ao mesmo tempo, um leitor de autores gregos que visa recriar, em latim, seus procedi-

mentos literários, buscando ser, ao mesmo tempo, continuidade e superação de ambas literaturas. São, ao mesmo tempo, os mais integrados ao paradigma literário helenístico, e os mais independentes deste mesmo paradigma. O outro ponto é que, ainda que a qualidade de sua obra não seja determinada pelo novo regime, todos esses autores guardaram para com ele alguma forma de relação, seja de adesão explícita – como é o caso de Virgílio – seja por ocupar a condição de *enfant terrible*, e por isso ter amargado o exílio, caso de Ovídio.

Dentro desse panorama, a situação de Horácio ganha contornos delineados como de um poeta que, tendo crescido durante as convulsões sociais que marcaram o fim da República, chega a Roma tendo já trinta anos e, admitido no Círculo de Mecenas em 37 a. C., alcançará notoriedade nos instantes finais do Segundo Triunvirato (de 43 a 33 a. C.). Como se sabe, este momento da história de Roma caracterizou-se pelo ténue equilíbrio entre Marco Antônio e Augusto. Equilíbrio que, uma vez rompido, acarretaria a derrota do primeiro na batalha de *Actium*, deixando Augusto com o caminho livre para o poder absoluto.

Assim, a ascensão de Horácio no panorama literário de Roma se dá em paralelo à de Augusto ao poder imperial. E não é difícil pensar-se que Horácio se deixou cooptar por Augusto, transitando da sátira e crítica de costumes à exaltação dos valores da política de "regeneração cultural" promovida pelo imperador no momento em que seu poder caminhava para a estabilidade. Contudo, uma análise mais refletida evidenciará que Horácio não apenas refletirá esse processo, mas que, em paralelo a ele, assumirá posições filosóficas que nos permitem ver, embutida em sua condição de porta-voz do novo regime, o papel de um filósofo que ensina a viver *apesar* do império que se construía.

O cerne da produção horaciana se dá entre os anos de 41 e 17 a. C., contudo, a publicação das obras de Horácio não obedece à ordem de produção: sabemos que seus *Epodos* foram compostos entre 41 e 30, data de sua publicação em conjunto. Os dois volumes das *Sátiras* foram publicados em 35 e 30 a. C., respectivamente. Entre esses dois grupos de obras existem grandes diferenças, no aspecto formal, uma vez que, nas *Sátiras*, Horácio se exercita no mais romano dos gêneros literários de então - o único que, conforme se acreditava, não possuía paralelo entre os gregos – e, nos *Epodos*, um Horácio experimentalista busca aclimatar à língua latina este metro que remonta a Píndaro e a Arquíloco.

Por fim, os três primeiros livros das *Odes* vieram à luz em 23 a. C., e o quarto – escrito principalmente para satisfazer Augusto – em 17 a. C. Aqui já temos um poeta maduro, que não apenas produz vários dos maiores poemas latinos, mas que também introduz diversos novos ritmos na poesia latina.

Embora os poemas de Horácio não estejam datados, é possível, a partir de dados históricos e biográficos citados nos próprios textos, deduzir-se, com relativa precisão, a sequência do processo escritural do poeta, permitindo-nos afirmar que as *Sátiras* e os *Epodos* foram produzidos em paralelo. E é a partir desse paralelo que podemos esboçar os valores e as ideias defendidas por Horácio, assim como mapear o processo de evolução de seu pensamento. Por isso, para nosso propósito, podemos considerar este conjunto de obras como um só.

E o que nos dizem, estes poemas, sobre o Horácio que os escreve?

Mostra-nos primeiramente um autor que se apresenta inserido numa linha de continuidade da tradição literária romana, especialmente daquela traçada por Lucílio, de quem Horácio é claramente tributário. Contudo, cessam aí as semelhanças, pois se em Lucílio temos uma cáustica crítica àqueles que se desviavam do *mos maiorum* romano, aos hipócritas e aos párias da sociedade; temos em Horácio uma crítica mais sutil, mas nem por isso menos ácida, que visa atacar mais o desvio em si que os desviantes.

Outra diferença claramente manifesta se dá quanto à linguagem utilizada: se a de Lucílio reflete um latim que busca ainda construir-se enquanto língua literária; aquela usada por Horácio é já um idioma elegante, extremamente burilado, apto a representar cada nuance do pensamento. Idioma esse que Horácio é capaz de manusear com total sofisticação quanto ao vocabulário usado e com pleno apuro técnico, aproveitando com total domínio cada uma das estruturas métricas de que se vale. Enfim, Horácio não se mostra apenas como alguém que retoma e ultrapassa, principalmente nos *Epodos*, os êxitos literários dos gregos, mas faz o mesmo, também, com o próprio passado da literatura romana.

Mas os poemas mostram-nos também sua visão de mundo, e esta nos revela um inesperado seguidor de Epicuro. Mas um seguidor, e não um ativista, que não abre mão de sua liberdade de pensamento, e que se esforça por, aparentemente correspondendo às ideias vulgares que, desde há pelo menos cem anos, faziam a má fama do epicurismo em Roma - ateísmo, mundanismo, rejeição dos valores nacionais, absentismo

político etc. – mostrar justamente o oposto: Horácio é, nesse momento, um poeta mundano, um espirituoso poeta que observa atentamente o mundo a seu redor, que é o da alta sociedade romana, na qual Mecenas o introduzira: um mundo de prazeres e de luxos, no qual Horácio poderia muito bem ter ocupado um simples papel de "cronista em versos", papel muito próximo ao de um bufão.

No entanto, por trás dessa máscara de epicurista, esconde-se, paradoxalmente, um verdadeiro epicurista, que busca mostrar a seu público que os valores essenciais do epicurismo não são aqueles dos quais Epicuro é acusado, mas que, ao contrário do que se costuma pensar, coadunam-se perfeitamente com a tradição romana: respeito aos costumes antigos, sabedoria, moderação, apego à vida campestre – que, assim, como o Virgílio das *Geórgicas*, toma por condição para a verdadeira felicidade. Horácio, enfim, é um verdadeiro epicurista que, disfarçado de epicurista, divulga os valores desta escola.

Os anos entre 30 e 23 serão de relativa tranquilidade, e o poeta se dedica então a sua obra-prima: as *Odes* - que ele mesmo sempre denominou *Carmina* – novamente devemos ter em conta que a ordem de produção dos textos não é a mesma da publicação, e, embora possamos determinar a sequência da produção de alguns poemas, a grande maioria ficará para sempre indeterminável.

A temática das *Odes* não se distancia muito da das *Sátiras*: a juventude, o amor, os prazeres e alegrias da vida, contudo, o que antes era ácido é agora lírico, e, graças a isso, seu epicurismo, o verdadeiro, se revela de modo ainda mais evidente, pois é nas *Odes* que desenvolve com clareza ideias que acabariam por tornar-se lugares-comuns nos séculos seguintes: a constatação do transitório, da fugacidade do tempo; a valorização da simplicidade (não mais associada tão somente à vida campestre) e da moderação; o desprezo pela riqueza e pelo luxo, o culto ao *otium*, entendido como paz de espírito e liberdade interior. Enfim, a *aurea mediocritas*, que se eleva à condição de ideal de vida. Horácio se coloca, nessa obra, como o legítimo tradutor romano das ideias cultivadas no Jardim de Epicuro, e como seu maior divulgador num ambiente que lhe era, há tempos, hostil.

Mas as *Odes* são ainda uma obra que se poderia chamar de vanguarda: no plano estético, são ainda mais apuradas que as anteriores; revelando maior sensibilidade e conduzindo o leitor a um novo patamar de prazer estético, já que nelas encontramos mais novos metros trazidos da

poesia grega, dando um novo sabor às novas ideias que comportam. Horácio se faz vanguarda, no conteúdo e também na forma.

Evidentemente, Horácio sabe que todas as antipatias quanto ao epicurismo podem, afinal, voltar-se contra ele mesmo, e adota uma nova estratégia: o que se vê nas *Odes* é, em grande parte, um novo disfarce de Horácio, pois, numa leitura epidérmica, ele parece abandonar a máscara de epicurista e assumir a de estoico.

Contudo, aprofundada a leitura, fica-nos claro que Horácio é estoico apenas quando esta doutrina coincide com a de Epicuro, ou quando diz respeito aos valores morais da sociedade imperial que Augusto se empenhava em construir. Horácio reconhece que o homem, principalmente o homem romano, pode adotar distintos sistemas de valores, segundo sua crença individual ou papel social que exerça.

O melhor exemplo disso é a forma como Horácio aborda, em diversas passagens, os mitos (gregos e romanos) e a religião oficial romana: canta-lhes a beleza, louva-lhes a interpretação, porque dela sempre se podem extrair ensinamentos que contribuam para o desenvolvimento moral da sociedade; porém, em momento algum manifesta crer neles, ou mesmo temer os deuses que neles se apresentam. Horácio deixa implícito que seu estoicismo é de caráter oficial, mas que o pratica com a mesma liberdade com que vivencia seu epicurismo. Com isso, de certa forma, Horácio acabará por ser visto sobretudo como um eclético, que incorpora (e funde) valores de escolas diferentes, realizando uma *contaminatio* filosófica semelhante à que outrora se praticara no teatro. A resultante desta fusão fica plasmada – e sintetizada – no *carpe diem*, fórmula epicurista, mas que não desagrade aos estoicos.

O ano de 23 a. C. será decisivo, pois, devido a razões políticas, Augusto se distancia de Mecenas, e Horácio, que acaba de publicar suas *Odes* – está em xeque: não pode, por dever moral, romper com Mecenas; mas tampouco pode incorrer na ira de Augusto. Para solucionar tal problema, o início do livro III traz um grupo de seis odes em que se sintetiza toda a política imperial, pois nelas sucessivamente se celebram a moral antiga (III, 1), a virtude (III, 2), a glória de Roma (III, 3), e inclusive justificam-se os métodos utilizados por Augusto para alcançar a paz (III, 4). A fórmula parece ter funcionado bem, mas Horácio assegura-se do êxito publicando, já em 21 a. C., o primeiro livro de suas *Epístolas*, obra que, de certa forma, retoma o caráter moralizante subjacente nas *Sátiras*. Com essa manobra, Horácio soma esforços e talento à política cultural de Au-

gusto, sem no entanto trair, nem seus próprios valores, nem a seu protetor, a quem tudo deve. Poderíamos, portanto, pensar que aí ter-se-ia configurado a cooptação de Horácio, e que o poeta abrisse mão de seus valores em prol da sua segurança e da liberdade – embora vigiada - para continuar produzindo.

Mas essa interpretação não resiste a uma releitura dos poemas, pois esta revela que, mesmo que aparente tecer loas ao regime, celebrar a moral antiga – e o mesmo pode ser dito da antiga *uirtus* romana - não se constituiria jamais em problema para Horácio, uma vez que este sempre defendera a ideia de que essa moral coincide com os ensinamentos de Epicuro. Poder-se-ia ainda usar o argumento de que, para ser Horácio um bom epicurista, deveria considerar o mundo todo como seu lugar, não se prendendo à concepção de pátria. Contudo, forçoso é recordar que Epicuro escrevera no período helenístico, em que ainda subsistiam os vários impérios formados pelos generais de Alexandre; mas Horácio escreve quando todo o mundo conhecido – à exceção dos persas e dos bárbaros do norte – o mundo que valia a pena considerar, estava já por completo sob o poder de Roma. Assim, Roma é sua pátria não (apenas) porque seja seu lugar de nascimento, mas porque, sob Augusto, Roma *é* o mundo.

No ano de 17 a. C., Horácio compõe, a pedido expresso de Augusto, um quarto livro das *Odes*. Tal obra é comumente interpretada como um verdadeiro texto de "propaganda oficial" do novo regime e do imperador, contudo, o efeito de propaganda não é maior aí do que nas supracitadas. Ao contrário, aprofundam-se os experimentalismos e os jogos de linguagem, e, neste quarto livro, a influência de Píndaro é ainda mais explícita.

Ainda no mesmo ano, temos a realização dos Jogos Seculares, para os quais Horácio compõe aquele que poderíamos chamar de "hino oficial": o longo poema intitulado *Carmen Saeculare*, em que pede a cada um dos deuses protetores de Roma que continue protegendo a abençoado a Urbe. E esta talvez seja a mais fina de todas as ironias compostas por Horácio, uma vez que se, seguindo a perspectiva de Epicuro, o poeta descrê da existência dos deuses, ou, ao menos, que intervenham nos assuntos mundanos, pedir-lhes que protejam sua cidade resulta, como de fato, num belo poema, mas de modo algum numa verdadeira prece.

A partir de tais manobras, penso que a obra de Horácio comporta uma nova possibilidade de leitura, que contemple, dentro da complexidade do jogo político de então, os estratagemas do autor realizar uma obra

que realizando os desígnios de Augusto, não rompa com os valores do próprio poeta.

O que Horácio cria – e isso se torna explícito em sua *Arte Poética* – é o que se chamou de "foro íntimo": a divisão, por vezes notória, entre as ideias que poeta divulga e as que ele de fato defende. Horácio deixa-nos isso claro quando, de caráter naturalmente epicurista, não hesita em abrir mão do distanciamento política característico dos desta escola para, apregoando os valores do império, mostrar o quanto estes são também epicuristas. Tampouco, nessa nova função, deixa de mostrar-se crítico da nova dinâmica social: louva a paz trazida por Augusto, mas demonstra que esta paz se assenta no fim da liberdade; cultua os deuses da religião oficial, porque sabe que seus mitos serão sempre excelente combustível para sua produção poética e não porque neles deposite sua fé.

Horácio enfim, torna-se um arauto do império, mas um arauto que executa sua função com senso crítico, construído a partir de sua adesão anterior, e muito mais profunda, ao sistema filosófico epicurista; que o conduz, enfim, a um ecletismo em que se ressalta sobretudo o fato de que, apesar do império que Augusto construía, era possível preservar-se a liberdade pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Trad.: Jaime Bruna. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

AUBENQUE, Pierre; BERNHARDT, Jean; CHÂTELET, François. *A filosofia pagã: do século VI a. C. ao século III d. C.* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. 6. ed. Paris: Armand Colin, 1953.

BARROW, R. H. *Los romanos*. 15. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

BIELER, Ludwig. *Historia de la literatura romana*. Madrid: Gredos, 1992.

BRISSON, Jean-Paul. *Rome et L'Âge d'Or – De Catulle à Ovide, vie et mort d'un mythe*. Paris: La Découverte, 1992.

CARTAULT, A. *La poésie latine*. Paris: Payot, 1922.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CHÂTELET, François (Org.). *História da filosofia, ideias e doutrinas*: vol. I, a filosofia pagã, do século VI a. C. ao século III d. C. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a History*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 1994.

GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Horace*. Paris: Seuil, 1958.

_____. *La littérature latine*. 6. ed. Paris: Fayard, 1994.

GUDEMANN, Alfred. *Historia de la literatura latina*. 3. ed. rev. Madrid: Labor, 1942.

GUDSKOV, Nikolao. *Kiel la homo ekis pensi: Eseoj pri la helena filozofio*. Moskvo: Impeto, 2012.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Trad.: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HORACE. *Œuvres*. 14. ed. Paris: Hachette, 1911.

_____. *Odes*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

_____. *Satires*. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

INGLEBERT, Hervé (Org.). *Histoire de la civilisation romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

MARTHA, Constant. *Les moralistes sous l'Empire Romain: philosophes et poètes*. 8. ed. Paris: Hachette, 1907.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Paris: Nathan/Scodel, 1993.

MILLARES CARLO, Agustín. *Historia de la literatura latina*. 4. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Florença: Sansoni, 1983.

PICHON, René. *Histoire de la littérature latine*. 3. ed. Paris: Hachette, 1903.

POULLAIN, Philippe. *História breve da literatura latina*. Lisboa: Verbo, 1964.